



PARTEJAR E NARRAR: PARTEIRAS REMEMORAM SEU OFÍCIO (SUL DO RIO GRANDE DO SUL, SÉCULO XX)

Eduarda Borges da Silva¹

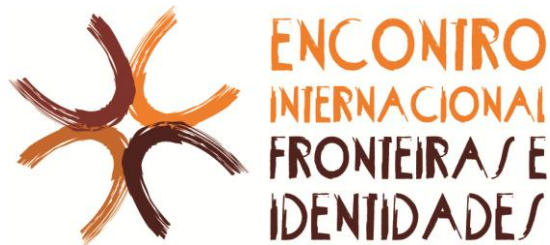
Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo analisar narrativas de sete parteiras, no Sul do Rio Grande do Sul, no intuito de perceber que motivos levaram a extinção deste ofício. Tem por base teórico-metodológica a História Oral Temática, a História das Mulheres e a História do Trabalho e dos/as Trabalhadores/as. Algumas oficiantes trabalharam em hospitais e outras a domicílio em zonas urbanas ou rurais de Piratini e Pelotas-RS. Seus testemunhos possuem um tempo fragmentado e não cronológico, mas ao tentar situar as falas percorrem o século XX, desde a década de 1930 quando Dona Cecília a parteira mais idosa começou a partejar. As lembranças das colaboradoras são cheias de significados a serem abordados sobre um tema que possui poucas fontes disponíveis – a parturição e o ofício de parteira no sul do Rio Grande do Sul ao longo do século XX. No Estado, a maioria das maternidades não resguardou a documentação que produziu; as parteiras possuem uma trajetória de subjugação a outras categorias – médicos/as e enfermeiras/os – e atualmente não possuem nenhum amparo que as legitime. Nos registros das carteiras de aposentadoria, por exemplo, não consta sua real função, mesmo no caso das que atuaram em hospitais. Assim, se pretende evitar o esquecimento da ação destas mulheres e reconstruir juntamente com elas, suas histórias.

Muitos pesquisadores das Ciências Humanas abordaram a temática das parteiras no Brasil, sobretudo no que diz respeito aos seus saberes e práticas. Fleischer (2007), Sousa (2007) e Barroso (2001) são apenas algumas. Contudo, somente três escreveram sobre parteiras do Rio Grande do Sul²: Rejane Jardim, Nadja Brandrão e Sandra Careli.

Jardim (1998), em sua dissertação de mestrado, tratou da presença das mulheres no campo da Medicina. Analisou documentos da Santa Casa de Misericórdia e dos Cursos de Partos e de Medicina de Porto Alegre, entre 1872 e 1940. Observou como saberes sobre o corpo feminino foram capturados das antigas formas de conhecimento empírico para contribuir à história da gineco-obstetrícia.

¹ Licenciada em História UFPel e graduanda em História Bacharelado UFPEL. E-mail: Eduarda.historia.ufpel@gmail.com.

² Há probabilidade de algum outro trabalho sobre parteiras na área das Ciências Humanas ter sido produzido no RS. Entretanto, não está disponível na internet, nem nas bibliotecas universitárias do estado.

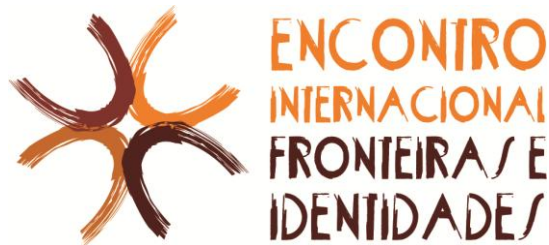


Brandão (1998) pesquisou, durante o Mestrado, o ofício das parteiras no Rio Grande do Sul, entre 1897 a 1967, da criação dos Cursos de Partos em Porto Alegre, até quando ela acredita que o ofício começou a declinar com a criação do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Entrevistou parteiras de Porto Alegre e de algumas cidades da Região metropolitana da capital do estado.

Careli (2008) trabalhou, em um artigo, as transformações no ofício de partejar nas décadas iniciais da República no Rio Grande do Sul (1900-1930). Utilizou como fonte a imprensa e processos-crime de Porto Alegre sobre parteiras, num período em que elas passam a ser consideradas perigosas à saúde pública.

Esta comunicação é parte do Projeto de Conclusão de Curso (História Bacharelado–UFPel) da autora, intitulado: “Narrativas paridas: Entre higienização e industrialização, parteiras da Região Sul do RS rememoram seu ofício”. Pretende-se nesta, a partir das entrevistas de História Oral Temática (MEIHY e HOLANDA, 2007) com as parteiras, observar que fatores elas indicam como determinantes para a atual condição de extinção do seu ofício. Realidade contrastante com o Norte e Nordeste do Brasil, onde as parteiras tradicionais permanecem atuando e com a Região Sudeste do país, onde as enfermeiras obstétricas e obstetritzês denominam-se parteiras contemporâneas e assistem partos, até domiciliares.

Além destas entrevistas de História Oral Temática, com sete parteiras de Pelotas e Piratini, fontes desta comunicação, no restante da pesquisa também serão utilizadas: entrevista com um obstetra, que também foi vigilante sanitário e com uma técnica de Enfermagem que já atuou como parteira; o diário de campo da pesquisa, que permitirá análises das saídas de campo e a salvaguarda de páginas da internet; Manuais de capacitação para parteiras; Legislações que regulamentaram a profissão de parteira; o livro *O camponês e a parteira: Uma alternativa à industrialização da agricultura e do parto* (ODENT, 2003); sites, como o Primaluz: Parteiras contemporâneas; blogs sobre o tema e entrevistas de parteiras contemporâneas (enfermeiras obstétricas) na internet, compondo, assim a totalidade de fontes da monografia.



A parteira que começou a atuar primeiro foi Cecília Santos na década de 1930 e a que parou por último foi Maria Basílicia Soares em 2009. Entretanto, esta pesquisa, tendo em vista os processos de higienização e industrialização, que serão abordados na monografia e a metodologia de HOT, insere-se na História do Tempo Presente (MULLER, 2007).

As enfermeiras Vieira e Bonilha (2006) apontaram que, com a institucionalização do parto no hospital a partir das décadas de 1960 e 1970, no Rio Grande do Sul, a atividade de parteira permanece somente na lembrança das pessoas.

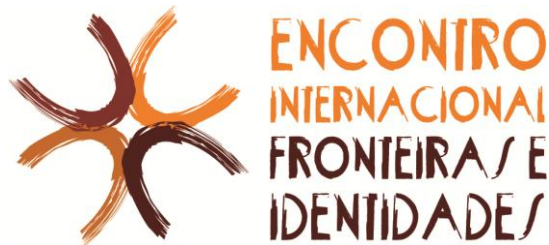
No Rio Grande do Sul, ainda é possível localizar-se mulheres que até pouco tempo atuavam como parteiras leigas e não apenas em partos domiciliares. Quando houve a transferência do parto para o hospital, nas décadas de 1960 e 1970, algumas parteiras foram incorporadas no ambiente hospitalar. [...] Atualmente, no nosso Estado, as parteiras estão praticamente fora de atividade, especialmente no meio urbano, embora ainda guardem consigo sua bagagem de conhecimentos (VIEIRA e BONILHA, 2006, p. 20).

Dona Cecília dos Santos, parteira rural do 3º distrito de Piratini, começou a atuar aos 18 anos, logo depois de ter tido seu primeiro filho, sozinha. Mudou-se da zona rural para a urbana de Piratini com 45 anos, na década de 1960. Ao chegar à cidade já havia um hospital, local onde as mulheres urbanas, segundo ela, preferiam parir e, devido à distância, não podia ir ao interior sempre que houvesse um parto.

Depois disso, fez seus últimos atendimentos, acompanhando o nascimento dos netos. Em um dos encontros da entrevista, foi procurada por uma mulher que queria uma benzedura ao filho. Mandou que voltasse com a criança em outro momento. Além de benzer, atividade pela qual também não cobra, continua trançando chapéus de palha para complementar seu salário de aposentada rural.

Relatou sua satisfação em poder ajudar outras pessoas e entende que este é o motivo de ser saudável aos 96 anos.

Eu me acho feliz, de fazer os benefícios. Não é como a gente chegar numa pessoa e dizer: “eu não tenho, eu não quero!” Não, isso não se diz pra ninguém. Se chegasse uma pessoa e dissesse: “eu estou com fome, quero um prato de ‘boia’”. Eu repartia a comida que eu tinha. E o que estava guardado eu repartia e dava pra pessoa comer em casa. Por isso que



Deus Nosso Senhor hoje está me dando essa saúde. Eu fui uma criatura honesta e sou honesta até hoje!

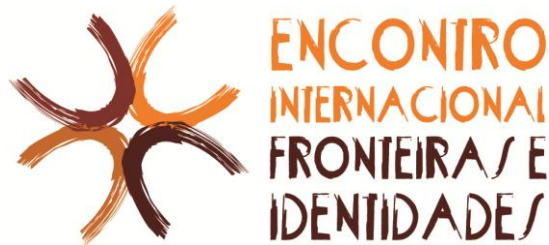
Dona Dalva Luçardo começou a “partear” aos 16 anos no Passo das Carretas, interior de Piratini, porque “tinha coragem de chegar às mulheres” e atuou por mais de 20 anos. Segundo ela, as mulheres foram parando de lhe procurar porque as estradas melhoraram, as pessoas da zona rural começaram a comprar carros e ir para a cidade na hora de parir e depois ela também se mudou para a zona urbana de Piratini. Quando perguntada como se sente em ser parteira, respondeu: “Eu me sinto bem, eu não tinha estudo pra fazer nada pelos outros, aquilo foi Deus que me ajudou”.

Eulália Sória desde os 32 anos ajudava suas vizinhas no momento de parir até que por pedido do marido fez um curso de Obstetrícia, de aproximadamente um mês em Bagé, depois fez outro em Pelotas. Parou de partear há cerca de 20 anos. Quando se mudou para a cidade seguia indo até o interior atender partos, quando era perto ia a pé, quando era longe lhe buscavam de carro. Não tem nem ideia de quantos “filhos de parto”, como se refere aos bebês que ajudou a nascer, têm.

Naquela época, a gente não vai estar se exibindo, naquela época a gente era mais atrasado, eu dava a minha cama pra acomodar elas! Porque elas mesmas pediam pra ir pra lá. Umass quantas eu levei pra minha casa. Mas também a mulher que eu atendia... modéstia à parte, eu não estou me gabando, eu atendia uma vez e ela não queria outra, queria eu. Mas de fato, porque as parteiras lá eram... Era bravo.

Erci Maria Rosa nasceu em 1944 em Pelotas, onde ainda mora. Atuou como parteira na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas³ entre 1962 e 1992, local em que aprendeu a partear e permaneceu até se aposentar. Na sua Carteira de Trabalho consta “Atendente de Enfermagem. Que foi o único curso que eu fiz lá dentro. Porque na época teve uns cursinhos de Atendente de Enfermagem”. Assinaram sua Carteira “depois de muito tempo, eles me passaram pra trás!”

³ A Santa Casa de Misericórdia de Pelotas foi fundada em 1848 para ser um hospital aos pobres. No século XX, especializou-se na assistência médica e passou a atender também os que podiam pagar (TOMASCHEWSKI, 2010). Apesar de possuir um Memorial, este se encontra fechado.



Relatou sentir-se alegre ao lembrar-se do seu trabalho e gratificada ao ser reconhecida nas ruas, principalmente, porque, na sua visão, hoje ninguém mais faz o que ela fez:

Tinha noites que eu fazia cinco partos, eu fazia! Atendia as mães, cansei de atender a mãe na sala de parto, nascer um na cama e eu ia lá pegava o nenê, trazia na sala para aspirar, passar a sonda pra tirar a secreção, enrolava, não dava tempo de dar banho, botava o bebê dentro da incubadora, aí atendia as mães, tirava a placenta e preparava a mãe, botava no leito e depois eu vinha atender os nenezinhos. Às vezes cinco partos por noite eu tinha e eu era sozinha! Tinha que me virar, mas passou! Eu lembro disso com muita alegria, sabe? Eu acho que eu fui muito útil pra muita gente. Eu fico muito feliz, pensando assim em tudo que eu fiz, que hoje ninguém faz. Agora é bem diferente. [...] Mas é muito gratificante isso aí, bah! [...] Tu vê eu me aposentei em 92, até hoje às vezes, ainda, eu me deparo com pessoas que me dizem assim: “Mas a senhora não é a dona Erci, que trabalhava na Santa Casa? A senhora atendeu a fulana...” “Ah é, me lembro.” Vou me lembrar o que?! [...] É uma coisa que eu vou levar pro resto da minha vida! Eu gosto muito de recordar! Isso que vocês fizeram, me passou um filme! Eu fui muito feliz na minha profissão! Tive momentos, como tudo na vida, que tu fica meio triste, com vontade de largar tudo, mas a maior parte do meu tempo foi de alegria. Então quando nasciam as crianças... eu fiz um parto uma vez de seis quilos a criança.

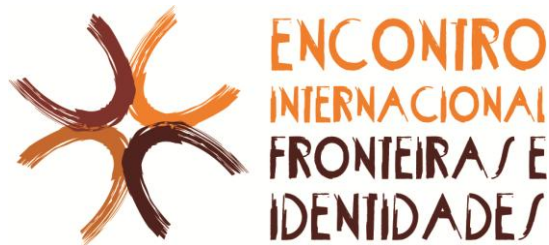
Dona Jaci Manetti, 80 anos, começou a trabalhar no Hospital Nossa Senhora da Conceição⁴, único hospital de Piratini, como copeira e faxineira na década de 1950, logo após sua fundação. Só havia um profissional da saúde, um médico, assim, teve de agregar além de suas funções, as de enfermeira e parteira. Depois esta última tornou-se a sua especificidade. Ela acredita ter sido a primeira parteira treinada por médicos da cidade.

Aposentou-se há cerca de 20 anos. Em sua Carteira de Trabalho consta Serviços Gerais. Ensinou outras mulheres a partejar como Maria Basilícia e mencionou que uma de suas aprendizes, Ana Júlia, permanece no hospital⁵. Sua narrativa é um testemunho de um período muito difícil, do qual ela afirma guardar poucas recordações boas, nesses mais de 40 anos de trabalho.

Dona Vitalina dos Santos nasceu em 1919, no interior de Pelotas. Fez o curso de partos e estagiou na Santa Casa de Pelotas. Depois foi convidada para seguir neste hospital, mas como tinha os filhos pequenos não pode e tornou-se parteira a domicílio urbana. Parou

⁴ O Hospital Nossa Senhora da Conceição foi fundado em 1947 como uma sociedade, atualmente é mantido pelo SUS e com apoio da prefeitura municipal de Piratini. O funcionário do hospital responsável pela documentação dos funcionários, disse que esta não está disponível para pesquisa.

⁵ Ana Julia foi procurada para a pesquisa, mas afirmou não ser parteira e sim técnica de Enfermagem.



de atuar em virtude da catarata, pois começou a perder a visão aos poucos e atualmente não enxerga mais. O último parto que fez foi quando nasceu seu neto Júnior, que tem agora 40 anos. Afirmou que: “[...] gostava muito! Sempre gostei e se eu enxergasse bem agora, seguia de novo”.

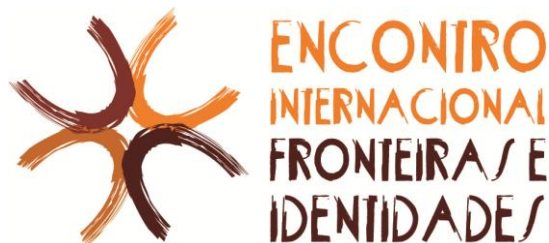
Maria Basilícia Soares nasceu no Pedregal, 3º Distrito de Piratini, em 1949. Mas só começou a partejar depois que se mudou para a cidade e fez o treinamento com o médico Rômulo Panatieri e a parteira Jaci Manetti, em 1982. Contou que no treinamento só se aprendia técnicas da prática, que não havia teoria, nem diploma.

Relatou que com 30 dias de trabalho lhe assinaram a Carteira e que “Na carteira nunca constou, sempre assinaram como enfermeira. No cartão-ponto era parteira.” Explicou como se deu a eliminação das parteiras do Hospital e a substituição por enfermeiras do Conselho Regional de Enfermagem (COREN-RS):

E aí em 1996 parece que foi que eles proibiram, em 2000 foi que a gente não podia mais fazer partos sem o médico presente. Se fazia porque os médicos não chegavam, nunca tinha no hospital. Quando chegavam tu já tinha feito tudo, já estava pronto o parto. E quando eu me aposentei em 1996 já não tinha mais esse negócio de parteira, era enfermeira da sala de parto, aí eu me aposentei como auxiliar de enfermagem. [...] Foi o COREN [...] e a Secretária da Saúde parece que foi que eliminou essa parte, não existe parteira, existe enfermeira-obstetra, parteira não existe! Aí liquidou com as parteiras! Mas lá nos seguimos fazendo parto.

Aposentou-se do Hospital Nossa Senhora da Conceição, em 1996, mas seguiu trabalhando por mais 12 anos. Recordou que: “Quando eu comecei a contar... de 1996 pra cá eu fiz mais de mil partos!”

Portanto, no sul do Rio Grande do Sul, as parteiras evidenciam a condição de extinção para o seu ofício, seja pela criação de hospitais, melhoramento das estradas que possibilitam as mulheres da campanha chegar mais depressa à cidade, por pressões do COREN-RS ou pela idade avançada das próprias parteiras. Encontrar uma delas atuando é uma realidade distante, que só não está perdida no passado, porque permanece se reatualizando na memória das parteiras; na lembrança dos que as conheceram e nos escritos dos historiadores.



Reconhecer e valorizar estas mulheres que tanto trabalharam (RAGO, 1997), acolhendo parturientes e bebês, até em suas casas como dona Eulália, muitas vezes sem remuneração monetária, não é só um dever/direito de memória do historiador. Trata-se de lembrar para não esquecer. Mas também é para a narradora que, ao rememorar sente-se útil novamente, portadora de uma história única e que detém o poder de contá-la ou não.

Dona Basilícia, apesar de ser muito consciente quanto a condição atual do seu ofício, nesta Região, e de ter feito um curso de Técnico em Enfermagem, continua a se definir como parteira. Na visão de Dubar (1997), para dona Basilícia é importante permanecer rememorando e afirmando-se como parteira porque esta é a sua identidade profissional. A sua legitimidade diante da sociedade se mantém através das lembranças do seu tempo de trabalho. Talvez seja o que lhe resta ainda de mais precioso. A perda desta identidade pode lhe ser sinônimo de alienação, sofrimento e até morte.

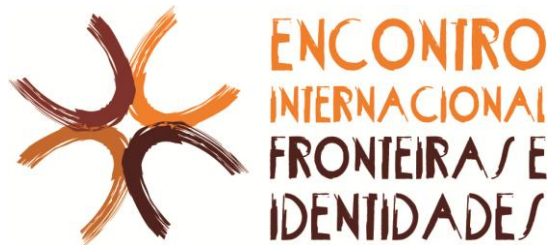
Logo, este trabalho se dedica à história de trabalhadoras, que dedicaram anos de suas vidas ao partejo e, quando se aposentaram, não puderam ter a dignidade de constar esta função na sua Carteira de Trabalho, como no caso de dona Jaci, que trabalhou 40 anos no Hospital Nossa Senhora da Conceição e se aposentou como “Serviços Gerais”. E também, a implementar cotidianamente a luta feminista, pelo respeito ao corpo da mulher, às suas escolhas e ao direito aos serviços de saúde.

FONTES ORAIS

Cecília dos Santos. Parteira. Entrevista concedida a Eduarda Borges da Silva. Realizada na casa da entrevistada, Piratini, 2013.

Dalva Luçardo. Parteira. Entrevista concedida a Eduarda Borges da Silva. Realizada na casa da entrevistada, Piratini, 2013.

Erci Maria Rosa. Parteira. Entrevista concedida a Eduarda Borges da Silva. Realizada na casa da entrevistada, Pelotas, 2012.



Eulália Sória. Parteira. Entrevista concedida a Eduarda Borges da Silva. Realizada na casa da entrevistada, Piratini, 2013.

Jaci Manetti. Parteira. Entrevista concedida a Eduarda Borges da Silva. Realizada na casa da entrevistada, Piratini, 2013.

Maria Basilícia Soares. Parteira. Entrevista concedida a Eduarda Borges da Silva. Realizada na casa da entrevistada, Piratini, 2013.

Vitalina dos Santos. Parteira. Entrevista concedida a Eduarda Borges da Silva. Realizada na casa da entrevistada, Pelotas, 2012.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Iraci de Carvalho. **Saberes e práticas das parteiras tradicionais do Amapá: Histórias e Memórias**. 2001. Dissertação (Departamento de História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

BRANDÃO, Nadja dos Santos. **Da tesoura ao bisturi, o ofício das parteiras 1897-1967**. 1998. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica -RS, Porto Alegre, 1998.

CARELI, S. As transformações no ofício de partejar nas décadas iniciais da República no Rio Grande do Sul. In: **IX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA**, UFRGS, 2008, p. 1-13.

DUBAR, Claude. **A Socialização: Construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.

FLEISCHER, Soraya Resende. **Parteiras, buchudas e aperreios: Uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial em Melgaço, Pará**. 2007. Tese (Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

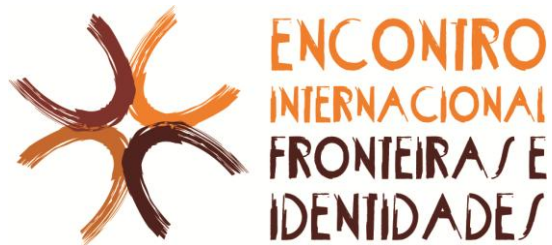
JARDIM, Rejane. **Revelando o implícito: Irmãs de Caridade e Parteiras na formação do saber médico em Porto Alegre - 1872 a 1940**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica-RS, Porto Alegre, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto: 2007.

MULLER, Helena Isabel. História do tempo presente: algumas reflexões. In: PÔRTO JR., Gilson (org.). **História do tempo presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ODENT, Michel. **O camponês e a parteira: Uma alternativa à industrialização da agricultura e do parto**. São Paulo: Editora Ground, 2003.

PRIMALUZ: Parteiras contemporâneas. Disponível em: http://primaluz.com.br/?page_id=623
Acessado em: 29 set. 2014.



RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, MaryDel. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.

SOUSA, Noélia Alves. **Sábias mulheres**: uma investigação de gênero sobre parteiras no Sertão do Ceará (1960-2000). 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TOMASCHEWSKI, Cláudia. Santa Casa de Misericórdia. In: LONER, Beatriz; GILL, Almeida; MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2010. p. 229-230.

VIEIRA, Marisa; BONILHA, Ana Lúcia. A parteira leiga no atendimento à mulher no parto e nascimento do seu filho. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, p. 19-26, 2006.